

**MAPA ETNO-HISTÓRICO**  
**DE**  
**CURT NIMUENDAJU**

editado em colaboração com a  
Fundação Nacional Pró-Memória

Rio de Janeiro  
IBGE  
1981

# A CARTOGRAFIA DO MAPA ETNO-HISTÓRICO DE CURT NIMUENDAJU

Rodolpho Pinto Barbosa  
Cartógrafo do IBGE

Ao desenhar o último traço sobre o papel conso de seu mapa Etno-Histórico para o Museu Nacional, em 1944, *Curt Nimuendaju*, na realidade, repetia este gesto pela terceira vez. Já o fizera em idêntico mapa para o Museu Goeldi, em 1943 e, no ano anterior, para o *Smithsonian Institution*.

Não é fato material de lançar à nanquim, laboriosa, delicada e caprichosamente, uma linha num papel de desenho, com dois por dois metros, já repleto de símbolos, representando rios, litoral e nomes que valoriza aquela obra. Aí está o artesão, que *Curt* sempre foi, paciente e cuidadoso, repetindo-se no gesto, mas criativo no que faz — nenhum dos três mapas são iguais — mas, sobretudo, porque aquele traço final, foi o resultado de uma vida inteira, identificando e localizando um milhar e meio de tribos indígenas, classificando suas línguas, anotando seus hábitos e coligindo seus utensílios. Aí temos o pesquisador, dedicado, metuculoso e estudioso.

*Curt Nimuendaju* aliou as duas qualificações. Foi pesquisador e artesão. Ambos estão perfeitamente refletidos na cartografia do Mapa Etno-histórico. Efetivamente, a cartografia exige a pesquisa que é o conteúdo do mapa e a representação que é a forma material. Eis porque, talvez, *Curt Nimuendaju*, concretizou sua mais exclusiva obra, na cartografia de seu mapa.

Foi essa obra, o Mapa Etno-histórico do Museu Nacional, o último elaborado por *Curt* (1944), que serviu de base para a atual publicação. Antevendo-se, porém, a importância e repercussão da edição do mapa, não se podia deixar de consultar o original do Museu Goeldi (1943). O acesso aos dois trabalhos propiciou minudentes estudos comparativos da cartografia de *Curt Nimuendaju*. Permitiu observar os mínimos pormenores coincidentes ou divergentes inscritos nos dois mapas. Apre-

endeu-se, claramente, o sentido dinâmico e o constante aperfeiçoamento que *Curt* procurava imprimir na representação de cada elemento. Confirma a informação, altera a localização de tribos ou muda a classificação linguística diante de novas informações.

Assim, constatou-se que no do Museu Goeldi está incluída na legenda a família linguística SANAVIRON representada pelas tribos localizados no mapa Sanaviron, Conechigon e Indiana, todas extintas, já no do Museu Nacional esta família foi excluída das convenções e as tribos classificadas como de línguas desconhecidas, conservando-as como extintas. Inversamente, *Curt* incluiu na legenda do último a família linguística HUARPE, com a respectiva tribo localizada no mapa, detalhes omitidos no mapa do Museu Goeldi.

Ao se cotejar a base planimétrica dos mapas originais de *Curt* com a dos mapas atuais, verificam-se algumas discrepâncias no traçado dos rios, linha de costa e limites. No início da década de 40, quando *Curt* elaborou os mapas, deve-se lembrar, pouca documentação cartográfica existia abrangendo toda a área por ele estudada e que lhe servisse de base para compilar o tema. Na parte correspondente ao Brasil, o Clube de Engenharia havia publicado, em 1922, as folhas da Carta Internacional do Mundo ao milionésimo. A *American Geographic Society* publicara as folhas do mapa ao milionésimo da América Espanhola e Brasil na década de 30 e início dos anos 40. Em escala menor do original do *Curt*, 1:2.500.000, só existia o mapa do Privat, 1:4.000.000, de 1939, que lhe poderiam servir de base.

*Curt Nimuendaju* não teve a preocupação de indicar a origem da base planimétrica que usou no mapa. Assim, só mera especulação pode ser feita para identificá-la. De qualquer forma, reduzindo ou ampliando, está claro

que Curt usou mais de uma fonte. É certo que a planimetria de seu mapa espelha o conhecimento que se tinha do território nacional na época, ou disto muito se aproxima. Igualmente usou croquis de pequenos rios para localizar tribos, possivelmente elaborados por ele próprio, para enriquecer detalhes de localização de tribos.

Mas, naquele momento, ao meio da II Guerra Mundial, vivíamos o início de um salto, uma revolução nas técnicas cartográficas. Uma delas, a fotografia aérea, teve o seu uso intensificado proporcionando um rápido reconhecimento de territórios antes de difícil mapeamento. Nos países pouco desenvolvidos, notadamente no Brasil, esse impacto foi grande. O recobrimento aerofotogramétrico pelo sistema *trimetrogon* efetivado em 1942 e anos subsequentes, pela Força Aérea Norte Americana e o apoio de pontos astronômicos, levantados na campanha de coordenadas geográficas, desenvolvida pelo IBGE, veio possibilitar uma melhor precisão no posicionamento da topografia do Brasil. Daí aos dias de hoje, pode-se dizer que, para escalas geográficas, os atuais mapas apresentam uma excelente base planimétrica da área coberta pelo Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendaju. Eis porque se encontram as divergências anteriormente apontadas.

Na execução do Mapa, Curt tomou determinado partido para expor o resultado de sua pesquisa, condicionado pela técnica artesanal, então em uso, do desenho a pena em cores sobre papel opaco. Após traçar a rede hidrográfica, que foi a base para a localização das tribos, desenhou os nomes das tribos, na localização que a bibliografia coligida ou a pesquisa de campo indicavam, usando tamanho de letras maiores ou menores, conforme a importância e a extensão do território de cada tribo. Esses mesmos nomes, desenhados em preto, foram diferenciados por tipos de letras: cheias para as tribos existentes; sedes atuais; vazadas, para tribos existentes; sedes abandonadas e tribos extintas, em letras finas.

A classificação das famílias lingüísticas foi feita grifando em traços coloridos os nomes das tribos. Uma cor ou um tom para cada uma das 40 famílias por ele classificada. Aproveitando ainda esses traços, distinguiu, o que já fizera com diferentes tipos de letras, as tribos que se encontravam na localização indi-

cada; que haviam abandonado o local; e tribos que estavam extintas, respectivamente, com os traços grossos contínuos; finos contínuos e finos interrompidos.

O elemento básico que Curt usou para localizar as tribos foi a hidrografia. Observa-se que houve extremo cuidado ao posicionar as letras dos nomes das tribos. Relacionou-as, ora às cabeceiras dos rios, ora aos interflúvios, às margens de rios e, ainda, ao litoral. Tendo em vista estes referenciais, Curt desenhou os nomes das tribos quase sempre em curvas para amoldá-los a rede hidrográfica e ao litoral e, quando os desenhou horizontalmente, ainda neste caso, teve em vista o curso dos rios ou referências da linha de costa. Devido a esta correlação, Curt dedicou grande atenção ao traçado dos rios. A cada novo mapa que fazia, introduzia correções. No último, para o Museu Nacional, alterou o curso de alguns rios, notadamente na Região Norte. Nestes casos, alterando o anterior, posicionou os mesmos nomes das tribos relacionando-os a nova locação dos rios.

Quanto a nomenclatura dos acidentes geográficos cingiu-se, também, quase exclusivamente, aos geônimos da hidrografia. Foram indicados mais de 500 rios, sendo raríssimos os representados sem denominação. Alguns rios sem significação geográfica, porém de importância para a localização de tribos, foram lançados e identificados. Além desses nomes, somente grafou os de algumas ilhas e os das capitais. Nenhum nome de países e unidades federadas do Brasil foi desenhado.

Complementando o mapa, Curt elaborou o *Índice das Tribos*, cujos nomes foram ordenados alfabeticamente. Através desse índice, pode-se localizar as tribos no mapa, dentro do quadriculado formado por uma rede plano-retangular, com equidistância de 20 centímetros, cujos intervalos foram numerados de 1 a 10 no sentido norte-sul e de A a I no de oeste-leste. Deve-se observar que esta rede não corresponde a nenhum sistema de projeção cartográfica, portanto não coincidindo com paralelos e meridianos. Aliás, na apresentação do próprio mapa, Curt ressaltou que não há traçados de rede geográfica. Finalmente, um último dado, Curt identificou, catalogou e datou o ano ou século no mapa, em que foi documentada cada tribo, cerca de 1.400, e, ainda, indicou através de setas o sentido das migrações de muitas dessas tribos.

É bem possível que *Curt Nimuendaju* jamais tenha imaginado publicar o seu mapa. O formato excessivamente grande, a qualidade do papel, as letras muito pequenas, a quantidade de cores e tons, indicam que o autor não se preocupou com problemas de ordem técnica para a reprodução do original. Daí a impossibilidade de reproduzir o mapa na sua forma original. Aproveitando a sua inata habilidade no desenho, meticulosidade do detalhe e conhecimento de topografia, *Curt* certamente quis deixar o resultado de sua pesquisa na melhor síntese para a consulta de localização das tribos e das famílias linguísticas: a cartográfica.

*Curt* usou 41 cores e tons, em traços finos, para indicar a classificação linguística, muitos descontínuos, representando tribos extintas. Esta grande multiplicidade de tons, somada ao natural desgaste e alterações da pigmentação das tintas e alterações tonais do papel conso, devido ao tempo transcorrido da elaboração do mapa até a atualidade, exigiu extremo cuidado na identificação das famílias linguísticas. Esta dificuldade adicional redobrou os cuidados para a correta interpretação do mapa. Além de cotejar-se os dois mapas, o do Goeldi e do Museu Nacional, recorreu-se, sistematicamente, ao índice das tribos para confrontar a correção da interpretação.

Ao se planejar a publicação do mapa, aplicou-se novas técnicas cartográficas, não mais artesanal como na época de *Curt*, porém todos os cuidados foram tomados para que nada fosse alterado, senão naquilo que, formalmente, tornasse mais claro e objetivo o conteúdo da classificação linguística e etno-histórico do original. Assim, a classificação linguística foi mantida sem modificações. Entretanto, em vez de finos traços coloridos sublinhando as 40 classes adotadas por *Curt*, por ser impróprio para impressão e difícil para leitura do mapa, colocou-se manchas coloridas ou símbolos sob os nomes das tribos. Isto propicia uma clara identificação das famílias linguísticas, ao mesmo tempo que melhor representa a localização das tribos, conforme documentada no mapa. Para as tribos de línguas isoladas, conforme foram classificadas pelo autor, usou-se sobrepor ao nome a cor marron claro com listas inclinadas mais fortes (no original grifado em preto) e para as línguas desconhecidas, deixou-se o

nome da tribo sem nenhuma sinalização, em branco, tal como está no original.

O posicionamento dos nomes das tribos foi rigorosamente obedecido, adaptando-se, porém, ao atual traçado da rede hidrográfica. Isto devido ao melhor conhecimento do espaço geográfico estudado. Foram excluídas, porém, atuais áreas inundadas das represas, para não obliterar a localização das tribos que nesses locais foram documentadas. Todos os rios constantes do original foram mantidos com os respectivos nomes, corrigindo-se, tão somente, o seu traçado e a ortografia e, no caso em que o autor nomeou-os diferentemente, foi grafado, entre parênteses, o geônimo adotado pelo autor, após o atual nome.

Houve acréscimo dos nomes das unidades políticas — países e unidades federadas do Brasil — com o fim de facilitar a correlação na localização das tribos com essas unidades, completando-se, assim, a própria idéia do autor que representou os limites dessas unidades no original. As setas indicativas da direção das migrações das tribos bem como o ano ou século destes registros representados no mapa pelo autor, foram reforçados para dar maior realce a essas informações. Os tipos e tamanhos das letras dos nomes das tribos foram mantidas o mais próximo possível, conforme as do original, isto é, cheias para as tribos existentes: sedes atuais; vazadas, para as tribos existentes: sedes abandonadas e finas para as tribos extintas (época da execução do mapa pelo autor — 1944).

Acrescentou-se, para reforçar as tribos existentes, “sedes atuais”, conforme constata-se pelo autor, um traço vermelho sob o nome dessas tribos, ressaltando-se assim as tribos existentes na época (1944).

Não se pode deixar de registrar que no mapa original as tribos Cane (C6 e C7) e Tariána (B2) estão classificadas, simultaneamente, na família linguística ARAUK, tribos extintas e, logo abaixo, a primeira como TUPÍ e a segunda como TUKANA, ambos como tribos extintas, sedes atuais. Conservou-se, no mapa, somente as últimas classificações.

Certos tipos de notações usadas por *Curt* foram mantidas para preservar a fidelidade dos registros. Logo abaixo do nome da tribo, nas datas em que elas foram documentadas por ele, este acresceu o sinal menos (—) anteposto à data ou hífen quando aparecem duas datas; o sinal mais (+) após a data e, por vezes, um ponto após o ano, ou ainda o ano

sem qualquer tipo de notação. Há, ainda, combinações desses tipos de notações para diversas tribos. Em determinados casos, *Curt* usou o sinal de igualdade (=) entre os nomes de duas tribos. O preciso significado desses sinais não está claramente definido, podendo dar margem a diferentes interpretações, porém nada foi alterado ou omitido para possibilitar a mais ampla base de pesquisas que o mapa propiciará aos seus usuários.

Outro tipo de notação usado por *Curt*, o "e" comercial (&), significando certamente a convivência no mesmo território de duas tribos, foi substituído por uma barra (/) entre os nomes dessas tribos, para não se perder esta informação do original em vista da impossibilidade de usar-se aquela notação nos diferentes tipos de letras utilizadas para os nomes de tribos.

O índice de localização geográfica das tribos foi adaptado ao traçado da rede geográfica da projeção policônica em que é editado o mapa, com o espaçamento de 5 em 5 graus entre paralelos e meridianos, formando um quadriculado que serve, da mesma forma do original, para localizar as tribos relacionadas no índice. Ao elaborar-se o mapa, optou-

se pela escala de 1:5.000.000, reduzindo, portanto, o original à metade, resultando em condensar determinadas áreas mais estudadas por *Curt*, mas mantendo-se a clareza de leitura do mapa. Isto propiciou reduzi-lo em um quarto da área, aproximadamente um metro quadrado, tornando-o mais acessível ao manuseio e consulta, sem qualquer prejuízo dos registros inscritos no mapa.

Enfim, necessário dizer, o Mapa de *Curt* não deve ser considerado um mapa histórico, no sentido de ser um mapa antigo. Ele é um mapa de nossa época. Reúne o melhor acervo etno-histórico indispensável e insubstituível para qualquer pesquisa sobre as tribos indígenas da região mapeada. Ao publicar o trabalho de *Curt*, preserva-se e coloca-se à disposição dos estudiosos desse campo do conhecimento humano o conteúdo do mapa de maneira inalterada, como se fosse o próprio original. É também certo que outros campos do saber se beneficiarão com este trabalho: origem indígena dos nomes geográficos; as influências recíprocas das civilizações nativas e dos diversos caudais de civilizações que ocuparam e ainda se apossam dessas glebas e muitos outros que os estudiosos descobrirão.

FREQUÊNCIA DAS TRIBOS  
EM GRUPOS LINGÜÍSTICOS

